

# Intertextualidade e absolutismo em *Fuente Ovejuna*

Prof. Dr. Lino Machado  
UFES

*"[...] o dever de um estudioso quando  
os elementos faltam é erguer hipóteses. Não?"*

Carlos de Oliveira, *OCO*, p. 426.

No trabalho presente, faz-se um estudo comparativo de *Fuente Ovejuna*, de Lopes de Vega, com o *Auto da Feira*, de Gil Vicente, e o soneto "Transforma-se o amador na cousa amada", de Luís de Camões; faz-se também uma análise da problemática política do Absolutismo na peça do prolífico dramaturgo espanhol.

1. No "Acto primero" de *Fuente Ovejuna*, de Lope de Vega, o Comendador Fernán Gómez de Guzmán dialoga com o jovem Rodrigo Téllez Girón, "Maestre de Calatrava". Por meio dos seus argumentos, o Comendador induz o jovem "Maestre" a não aceitar a pretensão de Don Fernando, "gran príncipe de Aragón", de reinar sobre várias regiões que hoje formam o que conhecemos como Espanha. Numa passagem das suas ponderações, diz o Comendador:

*Y así vengo a aconsejaros  
que juntéis los caballeros  
de Calatrava en Almagro,  
y a Ciudad Real toméis,  
que divide como paso  
a Andalucía y Castilla,  
para mirarlas a entrambas.  
Poca gente es menester,  
porque tienen por soldados  
solamente sus vecinos  
y algunos pocos hidalgos  
que defienden a Isabel  
y llaman rey a Fernando.*

(MAR / FO, p. 103-104)

Rodrigo Téllez Girón aceita o conselho de Fernán Gómez de Guzmán, partindo em sua missão guerreira. O “Maestre de Calatrava” assim procede numa hora de visível perigo para os reinos castelhanos, pois, como o próprio Comendador havia afirmado momentos antes das palavras que dele transcrevemos,

*[...] muerto Enrique cuarto,  
quieren que al rey don Alonso  
de Portugal, que ha heredado,  
por su mujer, a Castilla,  
obedezcan sus vassallos;*

(MAR / FO, p. 103. Destaque nosso)

Em *Fuente Ovejuna* encontram-se várias menções à ameaça representada pela coroa portuguesa. Acreditamos que tal situação de perigo ajude a esclarecer dois aspectos interessantes da peça: a combinação de “drama de honor” com a problemática do Absolutismo e a hipotética intertextualização, no drama espanhol, de dois grandes escritores portugueses (Gil Vicente e Luís Vaz de Camões).

## 2. Começemos pela discussão do último ponto.

No “Acto segundo” de *Fuente Ovejuna*, o personagem Esteban ironiza as pretensões astrológicas de prever os destinos humanos.

*No se puede sufrir que estos astrólogos  
en las cosas futuras ignorantes,  
nos quieran persuadir con largos prólogos  
los secretos a Dios sólo importantes.  
Bueno es que, presumiendo de teólogos,  
hagan un tiempo el que después y antes!  
[...]  
Tienen ellos las nubes en su casa  
y el proceder de las celestes lumbres?  
Por dónde ven lo que en el cielo pasa,  
para darnos con ello pesadumbres?  
[...]  
Luego cuentan que muere una cabeza,  
y después viene a ser en Transilvania;  
que el vino será poco, y la cerveza*

*sobrará por las partes de Alemania;  
que se helará em Gasçuña la cereza,  
y que habrá muchos tigres en Hircania.  
Y al cabo, al cabo, se siembre o no se siembre  
el año se remata por **deciembre**.*

(MAR / FO, p. 127-128. Destaque nosso)

Se abirmos a *Copilaçam de Todas as Obras de Gil Vicente*, leremos, na didascália do “Auto da Feira”, que este teria sido representado perante o “mui excelente Príncipe El Rei Dom João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, às matinas do Natal, na era do Senhor de 1527” (CTO, p. 144). Ora, sabe-se que a *Copilaçam* foi primeiramente editada em 1562 (por coincidência, o ano do nascimento de Lope de Vega). E no início do “Auto da Feira”, impresso na coletânea de Gil Vicente, o dramaturgo português pôs na boca de Mercúrio, o “deus das mercadorias”, um longo e irônico discurso a respeito das predições astrológicas. Mercúrio, “estrela do céu”, nos diz coisas que bem poderiam ter originado a posterior sátira de Lope de Vega à mesma astrologia ridicularizada por Gil Vicente.

Muitos *presumem* saber  
as *operações dos céus*,  
e que *morte* hão de morrer,  
e o que há de acontecer  
aos anjos e a *Deus*.

(CTO, p. 145. Destaque nosso)

Pouco adiante, Mercúrio passa a fazer previsões que, pela sua obviedade, parecem prenunciar as que transcrevemos do discurso de Esteban, de *Fuente Ovejuna*.

E assi os corpos *celestes*  
voz trazem tão compassados,  
que todos quanto nascestes,  
se nascestes e crescestes,  
primeiro fostes gerados.  
E que fazem os poderes  
dos sinos resplandescentes?  
Fazem que todas as gentes  
ou são homens ou mulheres,  
ou crianças inocentes.

(CTO, p. 165. Destaque nosso)

A fala cômica de Mercúrio é, como afirmamos já, extensa. São muitas as pseudopredições que o deus dos comerciantes (e dos ladrões) faz, no “largo prólogo” (para usar termos de Lope de Vega) do “Auto da Feira”. Citaremos mais um trecho da peça vicentina.

*Ao Zodíaco acharão  
doze moradas palhaças,  
onde os sinos estão  
no Inverno e no Verão,  
dando a Deus infindas graças.  
Escutai bem, não durmais,  
sabereis por conjeituras  
que os corpos celestiais  
não são menos nem são mais  
que as suas mesmas granduras.*

(CTO, p. 149. Destaque nosso)

Recorde-se Lope de Vega: “Y al cabo, al cabo, se siembre o no se siembre / el año se remata por **diciembre**”.

Coincidências no tratamento do mesmo assunto pelos dois autores? Retomada intertextual, efetuada pelo dramaturgo espanhol, de uma passagem do seu antecessor português, no contexto de uma *Fuente Ovejuna* em que se menciona Portugal como ameaça? Ou inspiração de ambos em um terceiro autor, que os teria precedido? Também não se deve desprezar a hipótese de tratar-se afinal de um **topos**, que tanto Gil Vicente quanto Lope de Vega haveriam aproveitado...<sup>1</sup>

Outra recordação portuguesa que temos ao ler *Fuente Ovejuna* é a do soneto “Transforma-se o amador na cousa amada”, que, na primeira edição da lírica de Camões (as *Rhythmas* de 1595), é o quarto da série. Citemo-lo de acordo com uma moderna edição da obra completa de Camões.

*Transforma-se o amador na cousa amada,  
Por virtude do muito imaginar;  
Não tenho, logo, mais que desejar,  
Pois em mi[m] tenho a parte desejada.  
Se nela está minha alma transformada,*

*Que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
Pois consigo tal alma está liada.  
Mas esta pura e linda semideia,  
Que, como o acidente em seu sujeito,  
Assi[m] coa alma minha se conforma,  
Está no pensamento como idéia;  
[E] o vivo e puro amor de que sou feito,  
Como a matéria simples busca a forma.*

(OC, p. 301)

Costuma-se chamar a atenção para o fato de que, neste soneto, Camões, além de haver adaptado um verso de Petrarca (“L’amante nel amato si transforma”), misturou o conceito platônico de **idéia** com as concepções aristotélicas de **matéria e forma**...

Em *Fuente Ovejuna* cita-se Platão:

*Dijo el cura del lugar  
cierto día en el sermon  
que había cierto Platón  
que nos enseñaba a amar;  
que éste amaba el alma sola  
y la virtud de lo amado.*

(MAR / FO, p. 113)

Também se faz referência a Aristóteles na peça:

*Oh, que villano elocuente!  
Ah, Flores!, haz que le den  
la Política, en que lea  
de Aristóteles.*

(MAR / FO, p. 130)

Esta última passagem é composta por palavras do Comendador. O criado Flores, a quem aquele se dirigira, dirá poucas páginas adiante o seguinte:

*No hay disgustos que se igualen  
a contrastar sus favores.  
Rendirse presto desdice  
de la esperanza del bien;  
mas hay mujeres también,  
porque el filósofo dice  
que apetecen a los hombres*

como la *forma* desea  
la *materia*; y que esto sea  
así, no hay de que te asombre.

(MAR / FO, p. 133. Destaque nosso)

Imediatamente, o Comendador acrescentará:

*Un hombre de amores loco*  
huélgase que a su *accidente*  
se le rindan fácilmente.

(MAR / FO, p. 133. Destaque nosso)

Aqui, tudo indica que “el filósofo” seja Aristóteles, pois, metafisicamente falando, Lope de Vega foi mais ortodoxo do que Luís de Camões, não tendo mesclado, como este último, a teoria de Platão com a do Estagirita.

Se houve ou não conhecimento do soneto de Camões por parte de Lope de Vega, é questão que fica em aberto. Entretanto, não seria nada extraordinário que tal ocorresse. O autor de *Os lusíadas* era lido por vários escritores espanhóis (Góngora viu a primeira impressão de um texto seu na abertura da tradução castelhana, feita por Luís de Tapia, da epopéia camoniana).

Também é significativo o seguinte fato. Em seu *The spirit of romance*, Ezra Pound escreveu tanto sobre Lope de Vega (Cap. IX), quanto sobre Luís de Camões (Cap. X). Pois bem: no final do ensaio sobre o poeta de *Os lusíadas*, Pound pronunciou este estranho julgamento:

*Posso ilustrar o que me parece faltar em Camões que é, suponho, nada mais nada menos que a mágica qualidade da poesia por meio de um verso de Lope. Encontra-se no seu **La Circe**, escrito provavelmente por emulação diante do “sucesso” de Camões com **Os Lusíadas**, e onde ele fala de “Branca floresta de navios gregos” (“De Griegas naves una blanca selva”).<sup>2</sup>*

Não nos interessa aqui o idiossincrático veredicto de Pound a respeito de Camões, mas a sua hipótese da possível repercussão deste último em Lope de Vega.

Uma palavra final a respeito do estudo das duas hipotéticas fontes portuguesas de *Fuente Ovejuna*. Se na verdade Lope se deixou influenciar por trechos de Gil Vicente e de Luís de Camões, evidentemente não apontamos o fato com a intenção ingênua de diminuir o valor do dramaturgo espanhol, subordinando-o a dois dos “monstros sagrados” de Portugal. Nossa deliberação foi apenas a de estudar mais um provável caso de intertextualidade, entre os muitos que se observam, envolvendo as culturas que compõem a Península Ibérica.

3. E o Absolutismo? Como ele poderá ser analisado em um texto que se caracteriza, sobretudo, por apresentar a vingança de toda uma vila contra um Comendador?

Supomos que, em *Fuente Ovejuna*, a problemática absolutista e a vingança coletiva coexistam, sem contradição. O Comendador, tal como nos é apresentado, teria sido duplamente um mau exemplo de fidalgo. Primeiro, ele se comportou como um péssimo vassalo ao aconselhar o jovem Rodrigo Tellez Girón a combater o partido do rei Don Fernando, pondo assim em risco os domínios castelhanos, cobiçados pelo rei de Portugal. Em segundo lugar, o Comendador agiu como um prepotente senhor feudal, desrespeitando, até à violência sexual, as mulheres de *Fuente Ovejuna*. A falta cometida na primeira situação agrava a da segunda, e vice-versa.

A vingança coletiva em *Fuente Ovejuna* não foi apenas a da honra ultrajada das mulheres forçadas por Fernán Gómez de Guzmán. Foi também, por via indireta, a do rei espanhol, desrespeitado pelas maquinações políticas do seu mau súdito. Obviamente, a fusão entre esses dois aspectos da peça não ocorreu na consciência do povo da vila, que resolveu agir por conta própria (mas, desde esse momento, sempre saudando os reis católicos: “Vivan Fernando e Isabel, y mueran / los traidores!” (MAR / FO, p. 156), entre outros exemplos). A combinação de “drama de honor” com

a defesa do Absolutismo se resolveria, no esquema geral do texto cênico, perante os olhos do espectador: ele é quem deverá perceber que tanto Rodrigo Tellez Girón, o “Maestre de Calatrava”, quanto os moradores de *Fuente Ovejuna* se desculpam perante o rei: aquele lhe pede **perdón** (MAR / FO, p. 170), enquanto estes esperam a **clemencia** do soberano (MAR / FO, p. 174). Em suma, também em *Fuente Ovejuna* o **mejor alcalde** (juiz) é... **el Rey**.<sup>3</sup>



## Notas:

<sup>1</sup> Cf. CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. São Paulo : Hucitec / Ed. da USP, 1996. Astrologia, p. 741

<sup>2</sup> Citamos as palavras de Ezra Pound de acordo com a tradução brasileira, feita por José Paulo Paes, do artigo sobre Camões escrito pelo poeta norte-americano. Cf. POUND, Ezra. *A Arte da Poesia*. São Paulo : Cultrix, 1976, p. 148-149.

<sup>3</sup> *Fuente Ovejuna* parece inverter o esquema dramático de *El Mejor Alcalde, el Rey*, também de Lope de Vega. Nesta última peça um rei vinga a honra ultrajada de uma mulher e a dele mesmo (pois fora desobedecido por um fidalgo que cometeu as duas faltas). Já em *Fuente Ovejuna* é a própria população que repara a honra maculada de uma mulher e a do rei (também desobedecido por um fidalgo que ofendeu o seu povo: dupla falta).

## Referências bibliográficas

1. CAMÕES, Luís Vaz de. *Obra completa*. Org., int. com. e anotações de António Salgado Júnior. 1. reimp. da 1. ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1988. (Citado de modo abreviado em nosso trabalho: **OC**.)
2. CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. São Paulo : Hucitec/Edusp, 1996.
3. OLIVEIRA, Carlos de. *Obras de Carlos de Oliveira*. Lisboa : Caminho, 1992. (Citado de modo abreviado como epígrafe do nosso trabalho: **OCO**.)
4. POUND, Ezra. *The spirit of romance*. Norfolk : New Directions, [s.d.].
5. ———. *A arte da poesia*. São Paulo : Cultrix, 1976.
6. VEGA, Lope de. *El Mejor Alcalde, el Rey / Fuente Ovejuna*. Int. de Alonso Zamora Vicente. Madrid : Espasa-Calpe, 1985. (Citado de modo abreviado em nosso texto: **MAR / FO**.)
7. VICENTE, Gil. *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*. Int. e normalização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa : Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. (Citado de modo abreviado em nosso texto: **CTO**.)

